



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo Johannes Follador; VOLPI, José Henrique. Brincando com Reich: a vegetoterapia e a psicomotricidade relacional com crianças autistas e outras comorbidades. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## BRINCANDO COM REICH: A VEGETOTERAPIA E A PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL COM CRIANÇAS AUTISTAS E OUTRAS COMORBIDADES

Diogo Johannes Follador de Souza  
José Henrique Volpi

### RESUMO

As ideias e conceitos de Wilhelm Reich a respeito do corpo e da psique humanas são amplamente conhecidas e divulgadas. Conforme inteiramo-nos acerca da teoria e prática de Reich, percebemos seu enfoque na profilaxia da doença, sobretudo da peste emocional. O autor compreende que se deve prevenir os sintomas através de uma educação baseada nas necessidades naturais da criança. Na Psicomotricidade Relacional, metodologia de cunho terapêutico e educacional, criada por André Lapierre e Anne Lapierre, percebe-se discurso semelhante, dando importância e zelo pelo que a criança sabe e não naquilo que ela não sabe. O corpo do psicomotricista relacional é seu principal material no jogo espontâneo que acontece durante as sessões. Seria possível agregar os *actings* da vegetoterapia à psicomotricidade relacional no tratamento de crianças com comorbidades? Será que essa prática ajudaria essas crianças em suas dificuldades?

**Palavras-chave:** Vegetoterapia – Psicomotricidade Relacional – Terapia – Comorbidades

---

A Vegetoterapia Caracteroanalítica, técnica de psicoterapia criada por Wilhelm Reich na primeira metade do século XX, parte do princípio que durante o desenvolvimento do indivíduo couraças musculares são formadas no corpo a partir de vivências traumáticas, sobretudo na infância. Couraças musculares, por sua vez, são compreendidas por Reich como espasticidades crônicas da musculatura do indivíduo, representando física e simbolicamente aquele trauma sofrido (NAVARRO, 2013).

Nessa técnica psicoterapêutica e em seus conceitos e ideias em geral, Reich prioriza o corpo como forma de comunicação. Não somente na maneira de se expressar durante a terapia ou na vida, mas na comunicação direta com o outro ou com o terapeuta via sensação de órgão. Para o autor é de suma importância que o terapeuta esteja sempre atento aos seus próprios sentimentos em relação ao que acontece durante a terapia, colocando-se como parte ativa e integrada daquilo que acontece (VOLPI, 2003).

À energia que proporciona vida e vitalidade ao corpo humano Reich denominou Orgone. A energia Orgone, para que o indivíduo possua saúde, precisa existir em quantidade suficiente e circular por todo o corpo (NAVARRO, 2013). As couraças musculares impedem a produção e a livre circulação dessa energia. A maneira como Reich lidava com isso era por intermédio de



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo Johannes Follador; VOLPI, José Henrique. Brincando com Reich: a vegetoterapia e a psicomotricidade relacional com crianças autistas e outras comorbidades. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

*actings*, qual seja, movimentos com a musculatura estriada esquelética com o intuito de mobilizar o segmento corporal pretendido (NAVARRO, 2013).

Reich definiu e dividiu o corpo em 7 segmentos em que as couraças podem se apresentar: 1º nível (olhos, ouvidos, nariz), as emoções são: alarme, medo, terror e pânico. Os afetos são: surpresa, espanto, embaraço e desorientação. No 2º nível (boca) as emoções são: comoção, nojo, gosto, separação e agressividade; os Afetos são: depressão, ressentimento, raiva, apego e dependência. No 3º nível (pescoço) as emoções são: abandono, medo de cair, medo de morrer e inibição; os afetos são: simpatia, antipatia, interesse, orgulho e isolamento. No 4º nível (tórax) as emoções são: nostalgia, ira e angústia; os afetos são: tristeza, solidão, felicidade, amor-ódio, incerteza e ambivalência. No 5º nível (diafragma) as emoções são: angústia e ansiedade; os afetos são hostilidade e serenidade. No 6º nível (abdômen) as emoções são agitação e desespero; os afetos são: dor e cólera. No 7º nível (pélvis) as emoções são: excitação, apego, prazer, destrutividade; os afetos são: potência, moralismo-repressão, autoritarismo. (Navarro, 1996).

Em *Crianças do Futuro* (Reich, 1984) o autor nos apresenta o Centro Orgonômico para a Pesquisa sobre a Infância (OIRC), que teve sua fundação em 16 de dezembro de 1949, em Forest Hills, Nova Iorque. Trabalhavam nesse espaço profissionais entre médicos, enfermeiras e assistentes sociais e o seu principal objetivo era “(...) a mais difícil tarefa em educação: o estudo da criança saudável” (REICH, 1984, pág. 11). Reich frisa que em 30 anos a psiquiatria avançara muito pouco no que tange a saúde da criança, sobretudo em bebês recém-nascidos e seus 3 primeiros meses de vida. Juntamente com isso o autor cita as exigências da educação, que muitas vezes se contrapõem às demandas naturais do bebê e da criança; mas para atacar a peste emocional de frente, indo na raiz do problema, seria necessário estudos mais aprofundados.

De qualquer forma, a base do funcionamento saudável em bebês recém-nascidos tinha que ser primeiramente elaborada antes de se tornar um fator passível de comparação para o julgamento de doença nas crianças. Por exemplo, a tosse ruidosa e a constipação são um atributo natural ou um desenvolvimento culturalmente induzido? Ninguém sabe. (REICH, 1984, páginas 12 e 13).

E Reich continua afirmando que enquanto a educação das crianças for calcada em ideias contrárias à vida e a favor de dogmas de Igrejas ou de Estados, a irmandade entre os homens na Terra jamais será alcançada. “Não pode haver desacordo sobre o fato de que as



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo Johannes Follador; VOLPI, José Henrique. Brincando com Reich: a vegetoterapia e a psicomotricidade relacional com crianças autistas e outras comorbidades. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

doenças emocionais nos adultos são muito difundidas. O pai, o educador e o médico carregam o peso da educação equivocada da primeira metade do século XX” (REICH, 1984, p. 13).

Conforme avançamos nessa obra conhecemos Davi, um menino de 6 anos acompanhado pelo OIRC desde o seu nascimento. Os pais de Davi foram educados sobre os assuntos acerca das couraças musculares e da peste emocional; foram “treinados” para reconhecer e aceitar com naturalidade toda expressão de genitalidade e sexualidade do filho. É fantástica a jornada desse menino no livro, mostrando que a saúde da criança é muito diferente daquilo que o adulto comum, contemporâneo a Reich, costuma acreditar (REICH, 1984).

Reich (1984) também expõe a importância da destrutividade infantil, tantas vezes combatida erroneamente com castigos e punições pelas instituições educacionais.

Com tudo isso exposto o autor é radical e conclui que a única forma de “salvar a humanidade” seria a educação preventiva, naquela em que o adulto respeita os princípios vitais. “O que temos que fazer é manter o biosistema da criança livre de qualquer tendência à estase de sua energia biológica, observável na frustração. (...) As ideias patológicas caem como castelo de cartas quando não há estase de bionergia para alimentá-las” (REICH, 1984, p. 39). Ele é mais específico ainda quando afirma que os primeiros dias de vida são os mais cruciais, pois é nesse momento em que a maioria das depressões melancólicas ou crônicas se instalam. “(...) além disso, o desenvolvimento errôneo da percepção e sua integração durante as seis primeiras semanas de vida são responsáveis pelo desenvolvimento das cisões esquizofrênicas e do caráter esquizóide” (REICH, 1984, p. 14). Adiante trataremos a respeito desses traumas e de como a Psicomotricidade Relacional pode ajudar a organizar as profundezas da psique na criança.

É bom lembrar que Reich concebe esses experimentos e ideias em meados do século XX, em uma quadra da história em que os tabus e preconceitos eram muito mais enrustados e expostos na sociedade burguesa, dificultando muito o seu trabalho. Em sua obra Crianças do Futuro, Reich traça de forma primordial uma linha entre aquilo que é saúde daquilo que é sintoma, evadindo a neblina sobre essa temática. Contudo o autor se fixa no desenvolvimento da criança em si e em sua genitalidade, não discorrendo diretamente sobre a principal forma de comunicação e expressão da criança: o brincar. Com o passar de algumas décadas alguns tabus caíram e novos aventureiros começam a transgredir os interditos da psicanálise. Tal qual Reich, André Lapierre foi um pensador, produtor profícuo de obras a respeito do corpo e da psique humana e, sobretudo, um transgressor. Vejamos como se deu o nascimento da psicomotricidade relacional, calcada nas ideias desse ilustre francês.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo Johannes Follador; VOLPI, José Henrique. Brincando com Reich: a vegetoterapia e a psicomotricidade relacional com crianças autistas e outras comorbidades. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

A Psicomotricidade Relacional é um método psicomotor de cunho profilático/terapêutico que visa o equilíbrio saudável da psique do sujeito em relação ao mundo, via comunicação corporal (LAPIERRE, 2010). Foi desenvolvida por André Lapierre, professor de Educação Física, na segunda metade do século XX (LAPIERRE, 2010). Esse autor, percebendo ausência de sentimentos e emoções nos exercícios corretivos que realizava com seus pacientes e alunos no pós-Segunda Guerra, primeiro com o auxílio de Bernard Aucouturier e depois de Anne Lapierre, desenvolve uma metodologia que leva em consideração as demandas afetivas do sujeito (LAPIERRE, 2010).

Por meio de seu trabalho com a Cinesioterapia, a Reeducação Física e a Psicomotricidade, Lapierre percebeu que a reabilitação a que essas práticas se propunham estava carente de afetividade. As teorias mecanicistas temperavam essas técnicas do corpo (LAPIERRE, 2010). Lapierre, em coautoria com Bernard Aucouturier, publica três obras importantes que vislumbravam a educação baseada na descoberta e na exploração por intermédio do lúdico, são elas: Os Contrastes e a descoberta das noções fundamentais (1985); Associações de contrastes: estruturas e ritmos (1985) e As Nuanças: do vivenciado ao abstrato da educação psicomotora (1985). Parece estar nelas, a semente do que hoje conhecemos como Psicomotricidade Relacional. Contudo, nesse período a Psicomotricidade Relacional carecia de um enfoque analítico, entrando em cena, em meados da década de 1970, Anne Lapierre, filha de André.

Após investir em sua análise verbal freudiana e participar de um curso de expressão corporal analítico no Canadá, a autora francesa passa a viver essas tomadas de consciência em nível do corpo, endossando com profícuo material teórico a prática do pai (VIEIRA; BATISTA; LAPIERRE, 2013).

É muito interessante notar como a Psicomotricidade Relacional (PR) procura respeitar os princípios naturais básicos da criança, tal qual Reich defendia. André Lapierre, em coautoria com Bernard Aucouturier, concebe, na segunda metade do século XX, a obra intitulada “A Simbologia do Movimento – Psicomotricidade e Educação”. Esse livro procura sintetizar aquelas 3 obras supracitadas, mas aqui os autores mostram como o movimento antecede a vida, discorrendo sobre a jornada do óvulo e do espermatozoide até a concepção - sempre salientam a presença dos contrastes: o feminino e o masculino; o estático (óvulo) e o movimento (espermatozoide); o grande e o pequeno; etc. (AUCOUTURIER; LAPIERRE, 1988).

O método que Lapierre criou consiste basicamente em reconhecer, validar, reforçar e instigar aquilo que a criança sabe fazer; e não aquilo que ela não sabe. O autor compreende



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo Johannes Follador; VOLPI, José Henrique. Brincando com Reich: a vegetoterapia e a psicomotricidade relacional com crianças autistas e outras comorbidades. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

que a primeiríssima infância (os 3 primeiros anos de vida) é de fundamental importância para a profilaxia de futuras neuroses, decorrentes de uma educação autoritária ou permissiva (AUCOUTURIER; LAPIERRE, 1988).

Proteger a saúde ao invés de combater os sintomas é um discurso retórico permanente na obra de André Lapiere, mas como se dá essa metodologia? Em Psicomotricidade Relacional o corpo do terapeuta é o mais valioso dos materiais terapêuticos. É no intuito da relação direta com o corpo da criança que a prática se dá, utilizando também materiais como mediadores da relação. Cada material carrega um significado simbólico, assim como cada movimento e cada lugar que a criança ocupa na sala. Os materiais clássicos da PR são: bolas (movimento dinâmico e representação materna), bambolês (limite), cordas (comunicação ou separação), bastões (agressividade, representação paterna), caixas (representação materna, construção), tecidos (suavidade, simbólico) e jornais (sujeira, destruição) (VIEIRA; BATISTA; LAPIERRE, 2013).

Além desses materiais temos o tapete. Numa sala vazia o terapeuta procura o melhor lugar para colocar seu tapete, delimitar um espaço e criar um contraste – dentro e fora. Simbolicamente o tapete representa a casa, um espaço de proteção, fora dele é a representação da rua, onde os movimentos dinâmicos e agressivos são aceitos e até instigados. A PR é uma terapia pensada para grupos (podendo ser realizada individualmente também); depois de conversar com as crianças iniciamos o jogo espontâneo em que, dentro dos limites estabelecidos, a criança pode expressar seus sentimentos, emoções, fantasmas, medos, prazeres e o que mais ela demandar. O movimento da criança serve de bússola para o terapeuta, que pode se transformar num monstro para a criança brincar com o medo ou num cachorrinho para a criança domesticar esse adulto grande e poderoso (VIEIRA; BATISTA; LAPIERRE, 2013). Depois do clímax da brincadeira temos o relaxamento, em que a criança procura a posição horizontal e pode descansar e deixar suas tensões direcionadas para o chão. É muito interessante notar as semelhanças da prática com a curva orgástica de Reich e o conceito de *Grounding* de Alexander Lowen. No momento do relaxamento as crianças tendem a regredir, procuram a posição fetal e lugares fechados. Se o terapeuta estiver atento e disponível esse lugar pode ser o seu corpo e a regressão pode chegar à fusionalidade. A fusão é quando os corpos perdem os limites e, por alguns instantes, a criança tem a possibilidade de ressignificar traumas vividos na mais tenra infância (AUCOUTURIER; LAPIERRE, 1988).

A PR tem se mostrado muito eficiente também com crianças atípicas. Entendemos por atípicas qualquer criança com lesão cerebral ou com funcionamento neurológico que depende





## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo Johannes Follador; VOLPI, José Henrique. Brincando com Reich: a vegetoterapia e a psicomotricidade relacional com crianças autistas e outras comorbidades. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

de formas educativas diferenciadas, como o Transtorno do Espectro Autista, por exemplo. É fato que existem diversas terapias e métodos que ajudam essas crianças a se desenvolverem, mas esses métodos dão enfoque primordialmente para a cognição, esquecendo-se muitas vezes da organização emocional do sujeito. A PR vem justamente preencher esta lacuna, pois procura aceitar a criança por inteira, de maneira completa e holística (AUCOUTURIER; LAPIERRE, 1988). Bruno – Psicomotricidade e Terapia é outra obra em coautoria com Aucouturier; aqui os autores contam a história de Bruno, um menino que nasceu de um parto complicadíssimo e em decorrência disso adquiriu uma lesão cerebral que afetou consideravelmente o seu desenvolvimento.

Ao longo da obra os autores expõem que muito dos comportamentos de Bruno não eram por motivos neurológicos, mas sim psicológicos. Sua primeira infância foi marcada pela ausência dos pais, que via somente no período da noite, já que de dia dispunha de uma babá. Era um menino que com 7 anos, apesar de conseguir ficar de pé, preferia o engatinhar, mostra de que provavelmente era uma criança mais nova num corpo com idade mais avançada. Aucouturier e Lapierre (1988) descrevem então os passos que percorreram para despertar na criança o desejo de caminhar sozinha, respeitando o momento psicológico que aquele indivíduo estava. Nesse momento Donal Woods Winnicott, o famoso psicanalista infantil inglês, aparece na metodologia dos franceses com muita evidência. Primeiro o terapeuta se mostra disponível para brincar com a criança, não com aquilo que o adulto acha que é importante, mas com aquilo que a criança demonstra ser importante para ela. Nessa interação aparece o prazer e certa dependência por parte do paciente, etapa importante, mas que precisará ser superada. E é superada pelo uso do material, semelhante ao objeto transicional que paulatinamente separa o bebê da mãe de modo seguro e amigável. A terapia se faz na relação direta com o paciente, com o terapeuta colocando em jogo seus próprios medos e fantasmas, suas angústias e seus traumas (AUCOUTURIER; LAPIERRE, 1988).

Pensando nessa metodologia se faz notório que é possível se utilizar as técnicas da Vegetoterapia também com crianças com comorbidades. Durante o brincar podemos aproveitar o ensejo e organizar jogos que exijam o movimento consciente dos olhos, numa limpeza do nível ocular. Muitas crianças, por conta da deficiência, não puderam ser amamentadas adequadamente, o que reflete numa oralidade quase sempre mal resolvida. Encontrar dispositivos que mobilizem o segmento oral pode ajudar diretamente na autonomia dessas crianças. Outro ponto importante é trabalhar o peito, morada do “EU” e das ambivalências do sujeito; reforçar a existência do “EU”, ampliando as possibilidades de ser e estar no mundo



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo Johannes Follador; VOLPI, José Henrique. Brincando com Reich: a vegetoterapia e a psicomotricidade relacional com crianças autistas e outras comorbidades. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

entrega à criança uma nova condição de prazer e, conseqüentemente, condição de se frustrar com os interditos e criar a partir do que lhe é dado. Quando paramos de olhar para a doença, como sugerem os autores citados neste artigo, encontramos na criança com comorbidades uma miríade de possibilidades fantásticas, que vão desde um olhar profundamente interessado a gargalhadas fartas de alguém que raramente dá um sorriso. Usar os *actings* da Vegetoterapia Caracteroanalítica durante as sessões de Psicomotricidade Relacional tem se mostrado possível, útil e promissor. Muitas crianças que mantêm muito pouco contato visual durante a terapia procuram esse contato, sobretudo através dos brinquedos – pensados e preparados para isso. Outras aceitam movimentos mais desafiadores, como abrir o peito na bola.

É importante dizer que o tempo é algo a ser respeitado. Antes de tentar esse tipo de intervenção o profissional precisa ter um vínculo com a criança, precisa brincar com ela e ter conquistado sua confiança; e isso só é possível somente através do brincar. Do corpo a corpo para o pré-simbólico, do pré-simbólico para o simbólico. A criança (e muito marcadamente o seu entorno familiar) é quem mostrará o caminho para o terapeuta. Quando essas necessidades vitais são respeitadas o trabalho é facilitado e o trajeto rumo à autonomia é muito mais certo.

## REFERÊNCIAS

AUCOUTURIER, Bernard; LAPIERRE, André. A Simbologia do Movimento: Psicomotricidade e Educação. 2ª Edição. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1988.

LAPIERRE, André. Da psicomotricidade relacional à análise corporal da relação, ed. Atual. - Curitiba, PR: Editora UFPR, 2010.

LAPIERRE, André. LAPIERRE, Anne. O adulto diante da criança de 0 a 3 anos: psicomotricidade relacional e formação da personalidade, 1. ed. Atual. - Curitiba, PR: Editora UFPR, 2010.

NAVARRO, Federico. A somatopsicodinâmica: sistemática reichiana da patologia e da clínica médica. Curitiba: Centro Reichiano, 2013.

NAVARRO, Federico. Metodologia da vegetoterapia caractero-analítica: sistemática, semiótica, semiologia, semântica. São Paulo: Summus, 1996.

VIEIRA, José. BATISTA, Maria. LAPIERRE, Anne. Psicomotricidade Relacional: a teoria de uma prática. 3 ed. - Fortaleza, CE: RDS Editora, 2013.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo Johannes Follador; VOLPI, José Henrique. Brincando com Reich: a vegetoterapia e a psicomotricidade relacional com crianças autistas e outras comorbidades. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

VOLPI, José Henrique; Volpi, Sandra Mar. Reich: da psicanálise à análise do caráter. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

AUCOUTURIER, Bernard; LAPIERRE, André. A Simbologia do Movimento: Psicomotricidade e Educação. 2ª Edição. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1988.

### AUTOR

#### **Diogo Johannes Follador de Souza / Curitiba / PR / Brasil**

Graduado em Educação Física – Licenciatura (CREF – 038088/GPR). Especialista em Psicomotricidade Relacional pelo CIAR. Especialista em Psicologia Corporal, com habilitação para atuar como Terapeuta Corporal, pelo Centro Reichiano, Curitiba/PR. Massoterapeuta pelo IBRATE, Curitiba / PR.

**E-mail:** [diogojohannes@gmail.com](mailto:diogojohannes@gmail.com)

### ORIENTADOR

#### **José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil**

Psicólogo (CRP-08/3685), Analista Reichiano, Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Eriksoniana e Psicodrama. Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP), Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Diretor do Centro Reichiano-Curitiba/PR.

**E-mail:** [volpi@centroreichiano.com.br](mailto:volpi@centroreichiano.com.br)